

O Americanismo visto do *Musée de l'Homme*: Etnografia e internacionalismo científico – o exemplo da Amazônia¹

Julie A. Cavignac²

Resumo

Nos trabalhos precursores da antropologia francesa, verificamos que as técnicas e a cultura material ocupam um lugar de destaque: o *Musée de l'Homme*, inaugurado em 1937, não é mais um museu colonial, é um museu moderno que apresenta testemunhos da diversidade das sociedades humanas e que foi pensado como a vitrine da humanidade. Unindo a pesquisa ao ensino, é neste período que a etnografia profissional inicia na França: as duas missões 'Lévi-Strauss', em 1935 e 1938, integram o projeto de colecionar objetos para o *Musée de l'Homme* e, ao mesmo tempo,

¹ O estudo foi realizado durante o estágio pós-doutoral financiado pela CAPES entre 2009-2010 no *Laboratoire d'anthropologie et d'histoire de l'institution de la culture* (LAHIC), sob a direção de Daniel Fabre, entre julho 2009 e junho 2010. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GT "História da Antropologia: teoria e campo na Amazônia", durante a III Reunião Equatorial de Antropologia – REA – em Boa Vista/RR (agosto de 2011).

² Professora no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (cavignac@cchla.ufrn.br).

marcam o início de uma nova fase do Americanismo voltado não mais para a cultura material, mas para o estudo das estruturas sociais. Iremos aqui avaliar a importância dessa mudança de foco para as pesquisas americanistas na Amazônia e consolidação de uma rede de pesquisa internacional durante a Segunda Guerra Mundial, com destaque para a participação de franceses (Métraux e Lévi-Strauss) no *Handbook of South American Indians* (EUA).

Palavras-chave: Americanismo; antropologia francesa; *Musée de l'Homme*.

Abstract

In the precursory works of French anthropology it can be found out that techniques and material culture have a high standing; the *Musée de l'Homme*, inaugurated in 1937, is no longer a colonial museum, but a modern museum testifying the diversity of human societies and conceived as a show window of humanity. Linking research and teaching, it is in this period that professional ethnography starts in France: the two 'Lévi-Strauss' missions, in 1935 and 1938, comprise the project of collecting objects for the *Musée de l'Homme* and at the same time, represent the beginning of a new phase of Americanism no longer oriented to material culture, but to the study of social structures. We will appraise the importance of this shift of emphasis for Americanist studies in the Amazon and the consolidation of a network of international research during World War II emphasizing French participation (Métraux and Lévi-Strauss) in the *Handbook of South American Indians*.

Keywords: Americanism; French anthropology; *Musée de l'Homme*.

C'est ainsi que boitant de la jambe gauche et les oreilles blessées de lancinants reproches à chaque faux pas, j'essayais de ne pas perdre de vue le dos d'Abaitara, dans la pénombre verte où notre guide progressait d'un pas rapide et court [...].
(Claude Lévi-Strauss)

A aventura do jovem Lévi-Strauss no Brasil é relatada no seu livro mais famoso, *Tristes trópicos*. Em diversas ocasiões, e apesar da sua frase choque “detesto as viagens e os exploradores”, encontramos o autor perdido no meio da floresta, abandonado pelos índios, sob os traços de um dramaturgo solitário (*Apoteose de Augusto*), experimentando as dificuldades de uma viagem iniciática destinada a ser transformada em um “romance nunca escrito” (Lévi-Strauss 2008:1964). No entanto, essa *mise en scène* heroica deve ser relativizada e entendida mais como um recurso retórico do que o reflexo da realidade: a ida de Lévi-Strauss para os trópicos não foi o fruto de uma impulsividade juvenil, nem do acaso, ainda menos de uma escapada romântica, mas se enquadrava num projeto acadêmico mais amplo.

A antropologia francesa do início do século XX encontrava-se em plena revolução e tentava se institucionalizar: organizada em torno do *Institut d'Ethnologie* que conseguiu concretizar um ambicioso projeto com a criação de um novo museu, o *Musée de l'Homme*. A obra coletiva ia ser executada sob as diretrizes dos professores Marcel Mauss, Paul Rivet e Lucien Lévy-Bruhl que compartilhavam uma ideologia ligada a um socialismo humanista preocupado em educar as massas, promover o progresso, incentivar a amizade entre as nações e eliminar o racismo. Ao mesmo tempo, todos eram convencidos da importância da pesquisa empírica e uma grande parte desses estudos tinha como centro de interesse as técnicas e a cultura material, testemunhos da diversidade das sociedades humanas: o museu moderno que ia ser inaugurado em 1937 foi pensado como sendo a vitrine da humanidade e não mais um museu colonial.

Já no início do século XX, funcionava uma rede americanista cujos membros, ligados a instituições francesas de ensino e pesquisa, eram interessados em ampliar o conhecimento sobre a origem do “homem

americano” e o Brasil era ainda pouco visitado pelos etnógrafos (Bonte & Izard 1991:289-95, 309-10; Vignaud 1919:2). A participação de jovens *agrégés* nos primórdios da Universidade de São Paulo é conhecida, porém pouco se sabe sobre a existência concomitante de um programa francês de investigação institucional relativo ao continente americano. Iremos mostrar como o americanismo, na sua versão francesa, iniciou uma rede internacional de pesquisa, projeto até então inédito na área da antropologia que se concretizou com a vinda do jovem professor de filosofia nos trópicos. O *aprenti* etnógrafo recebia o apoio de uma equipe que apostou nele para abrir uma frente, a etnografia das sociedades da floresta. Além dos resultados alcançados pelo ‘teórico das estruturas’ e apesar dos seus detratores que reclamam da sua breve estada em campo, a presença de C. Lévi-Strauss no Brasil e seu exílio na América do Norte possibilitaram a experimentação de uma fecunda interlocução transnacional; empreendimento no qual, inicialmente, a França iria desenvolver um papel de maior envergadura. Nesse sentido, iremos, inicialmente, traçar um panorama do contexto acadêmico no Paris dos anos 1930 para podermos iniciar uma reflexão sobre os métodos e a coleta dos artefatos destinados a integrar as coleções dos museus. Na mesma ocasião, iremos direcionar nosso olhar para as opções teóricas feitas por esses precursores e avaliar as mudanças ocorridas no plano da reflexão antropológica.

Ciência, política e agenda de pesquisa

A ‘exceção francesa’ deve ser entendida no contexto dos embates entre a antropologia física e a Escola francesa de sociologia, das alianças políticas e das sucessivas guerras mundiais (Jamin 1989; Laurière 2000; Dias 1991). Para caracterizar o ‘estilo francês’ de fazer antropologia, temos que lembrar a situação crítica em que se encontravam as pesquisas empíricas naquele país e a importância dos museus na formação dos pesquisadores e dos agentes coloniais (De L’Estoile 2007; Mauss 1969). No caso do Americanismo, é preciso relativizar as críticas feitas tradicionalmente à antropologia realizada em contexto de dominação imperialista; precisamos então entender o projeto científico que se encontrava em plena construção, proposta inicialmente francesa que teve êxito, pois seus dirigentes eram ligados a homens políticos de esquerda com uma

recente entrada no governo. Pelas forças dos eventos históricos, o Americanismo francês se libertará dos seus laços nacionais mas não do seu espírito. Este deslocamento tanto efetivo quanto simbólico proporcionará uma certa liberdade de ação e tomadas de posicionamentos aos integrantes desta rede acadêmica, particularmente em relação aos detentores das fontes de financiamento.

Os primeiros etnógrafos que faziam parte da geração sacrificada pelas Primeira e Segunda Guerras Mundiais receberam influências diretas da Escola francesa de sociologia, como por exemplo, Robert Hertz. De um modo ou de outro, ao longo de suas carreiras, esses pesquisadores irão dialogar com as ideias e os temas avançados por Durkheim e Mauss, mesmo tendo posicionamentos críticos, como é o caso do próprio C. Lévi-Strauss no início da sua carreira. Essa centralidade de pensamento e a persistência nos temas tratados por seus seguidores correspondiam a escolhas teóricas precisas: os sistemas de pensamento, a religião e a organização social eram tratados sob o prisma do evolucionismo metodológico, e o estudo dos fatos concretos ganhava um lugar de destaque sem, no entanto, que seus defensores conseguissem recursos institucionais para concretizar os seus projetos. Em nenhum momento, a 'linha francesa' rapidamente classificada como 'intelectualista' aparecia distanciada das preocupações empíricas e dos estudos que eram realizados nos outros centros de pesquisa (Cardoso de Oliveira 1988:27-48).

De fato, podemos verificar nas produções acadêmicas da época, que a equipe formada em torno de M. Mauss estava em sintonia com as preocupações dos antropólogos anglo-saxões: desde o início do século XX, existiam múltiplas trocas científicas entre estudiosos europeus e americanos.³ Assim, a direção apontada por Durkheim, Lévy-Bruhl e Mauss, guias intelectuais da reflexão sociológica no início do século XX, continuou a estimular os estudos de antropologia social até os anos 1950, quando da reorganização da vida acadêmica na França. Ao se debruçar sobre os escritos, aparece que o 'estilo francês' é uma mistura de perspectiva comparatista e de 'urgência etnográfica', aliando preocupações teóricas específicas (Laurière 2008:1). De fato, encontramos situações

³ Basta examinar as resenhas publicadas nas principais revistas da época como as de *l'Année Sociologique*, de autoria de Durkheim e Mauss, ou ainda as listas de publicações recebidas nas revistas da época (Karady 1988; Marcel 2004; Sigaud 2007).

contrastivas nos países europeus, pois essas variam em função da política colonial e do apoio oficial visando o financiamento das expedições etnográficas (L'Estoile 2003; Jamin *apud* Bonte & Izard 1991:289-95). Porém, na França, os pais fundadores da disciplina, estudiosos de gabinete, eram conscientes do valor do estudo *in situ* e fundamentavam suas análises a partir de múltiplos relatos e dados etnográficos que eram publicados nas revistas estrangeiras. A fama de a antropologia francesa ser intelectualista parece ter se fundado, antes de tudo, no desconhecimento e no relativo desinteresse dos antropólogos franceses em relação à história da disciplina; história considerada por muitos como pouco relevante (Wikin 1986). Mesmo Durkheim, no final da sua vida, abre-se à etnografia, compilando o material das sociedades “primitivas”, o que aparece visível com a publicação das *Formas elementares da vida religiosa* em 1912 (Copans 1999: 219; Peixoto 2000:22-43; Poirier 1968:128; Jamin *apud* Bonte & Izard 1991:289-95; Karady 1968: XXXVI-XXXVII; 1988)⁴. Seus discípulos concordam com sua definição da sociedade como uma realidade de ordem simbólica, investigam as temáticas clássicas da Escola francesa: religião, cosmologia, totemismo, relações entre mitos, ritos e símbolos, sistemas de representação do mundo e da pessoa, etc. Essa agenda de pesquisa irá marcar a disciplina, pois pode ser encontrada uma homogeneidade quanto aos temas e às preocupações teórico-conceituais.

Além disso, ao inaugurar o ensino da antropologia na França, Marcel Mauss procura introduzir um ensino deliberadamente “orientado para uma introdução à observação etnográfica” (Marcel 2004:8)⁵. No entanto, é somente na década de 1930 que, na França, as pesquisas etnográficas tornar-se-iam obrigatórias (Karady 1968:XXVI; Lévi-Strauss 1973:62). Os escritos daquele que irá formar toda uma geração de etnógrafos, revelam ainda um pioneirismo em relação à descrição empírica, pois o professor preconiza o estudo sistemático das sociedades concretas. Para isso, distingue a morfologia social, a fisiologia e os fenômenos gerais

⁴ O mesmo não pode ser afirmado hoje, pois a Antropologia francesa é caracterizada por uma “ausência de identidade doutrinal *stricto-sensu*, diferentemente de outras escolas nacionais”, chegando a ter “uma dificuldade em se definir teoricamente” (Jamin *apud* Bonte & Izard 1991:289-95).

⁵ Em 1901, ele ocupa a cátedra das “Religiões dos povos não civilizados” na *École pratique des hautes études – section des sciences religieuses*.

(Mauss 1967:11); tentativa que é ilustrada no seu magistral *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós* (1904-05) ou, mais tarde, ao ousar uma teoria sobre a troca a partir das práticas rituais que envolvem os objetos no famoso *Ensaio sobre a dádiva* (1923-24). Aliás, durante a conferência feita à *Société de Psychologie* em 1934, intitulada *As técnicas corporais* (1936), o professor conta de maneira descontraída como, desde 1898, ele observa as diferentes técnicas de nado, propondo, logo depois um programa de investigação que irá abrir um novo campo para a antropologia contemporânea (Mauss 1983:365-6). Esses exemplos são suficientes para mostrar que, ao longo da sua obra pouco sistematizada e, sobretudo, durante seus ensinamentos, há uma busca do detalhe etnográfico com um particular interesse para as técnicas e a tecnologia: os objetos, que são a prova concreta e materializada do fato social, dos saberes e das práticas coletivas interiorizadas pelos indivíduos (Mauss 2002). Afinal, mesmo sem jamais ter ido a campo, Marcel Mauss destaca a importância da pesquisa empírica e o uso de uma metodologia rigorosa na coleta da cultura material; suas aulas ministradas no *Institut* desde 1926, transcritas no *Manual de etnografia* publicado em 1947, são a prova tangível do pioneirismo do mestre na França. O livro serviria de referência durante longos anos nas universidades francesas, e era inicialmente destinado a guiar os administradores e funcionários das colônias francesas nas suas relações com os nativos (Mauss 1969; 2002; Fournier 1994). Os cursos eram oferecidos também para esse público, pois o *Institut d'ethnologie* era subordinado ao Ministério das colônias e precisava mostrar que o financiamento era bem empregado: essas atividades justificavam a importância reservada à etnografia para um mundo acadêmico pouco sensível à disciplina (Sibeud 2004). Isso explica em parte por que, de certo modo, Marcel Mauss defendia uma etnografia feita por agentes coloniais (Mauss 1969; Laurière 2008:480-95). No entanto, podemos nos perguntar se esse posicionamento não era justificado pela falta de apoio governamental às ciências humanas e era parte de uma estratégia para atrair o financiamento necessário às atividades acadêmicas e à produção científica.

Assim, é sintomático que Mauss critique abertamente a ausência de financiamento público para realizar pesquisas empíricas, pois enquanto as colônias inglesas eram frequentemente visitadas por *anthropologists*, do

lado francês praticamente tudo restava por fazer (Mauss 1969)⁶. Sensíveis à necessidade de realizar pesquisa de campo, os administradores do *Institut d'ethnologie* foram responsáveis pela formação intelectual e pelo destino dos primeiros etnógrafos que iniciaram suas expedições nos anos 1930: entre os discípulos, encontramos poucos americanistas e, entre esses, uma minoria escolherá o Brasil como campo de investigação⁷.

Os Museus e a política científica na França de *l'entre-deux-guerres*

Os museus e os institutos de pesquisa franceses onde os primeiros etnógrafos profissionais se formaram tiveram um papel determinante na emergência de uma antropologia com proposta comparativa. Colocava em primeiro lugar os objetos e a coleta de dados etnográficos para entender a história das sociedades sem escrita e a conformação das culturas: as técnicas e a vida material dos povos estudados eram privilegiados pois permitia medir objetivamente o estágio da escala evolutiva das populações. Devia auxiliar na compreensão da distribuição das culturas e das populações no globo terrestre numa linha histórica a ser reencontrada.

Isto se explica em parte porque a etnografia foi logo associada à arqueologia, à coleta dos artefatos e ao estudo das línguas; as investigações tinham como finalidade possibilitar a delimitação das áreas culturais e a dispersão geográfica dos elementos materiais e dos traços culturais. O velho museu do Trocadero parecia mais com um *cabinet de curiosité* do que com uma instituição museal: era organizado em função de um projeto colonial, concebido a partir de pressupostos naturalistas, associado à pes-

⁶ Num artigo escrito por Claude Lévi-Strauss para o centenário do nascimento de E. Durkheim, o autor refuta a afirmação de Radcliffe-Brown que identifica a ausência da pesquisa etnográfica na França onde, segundo este autor, eram priorizados “estudos teóricos em sociologia comparada” (Lévi-Strauss 1973:61-2). Essa ideia surge, ao que tudo parece, a partir da leitura dos escritos do ‘jovem Durkheim’ que pregava um todo sociológico.

⁷ Iremos nos deter um pouco sobre a figura de Alfred Métraux que realizou estudos pioneiros sobre a civilização material dos índios tupi-guarani e a religião dos Tupinambá (1928) antes de se tornar um etnógrafo.

quisa acadêmica, foi pensado como sendo a vitrina das colônias apresentando, de um modo ilustrado, a vida das populações a serem levadas para o progresso e a serem assimiladas a um conjunto nacional, a França e suas colônias (L'Estoile 2007). No entanto, o projeto do *Musée de l'Homme* acrescenta uma dimensão política importante - a de universalizar um conhecimento científico e de educar as massas, o que devia ter como resultado a promoção da amizade entre os povos.

No Hexágono, as poucas pesquisas que recebiam financiamento público eram ligadas à constituição de coleções para os museus etnográficos que começaram a se desenvolver nas vésperas da Segunda Guerra Mundial; entende-se facilmente, nesse contexto, porque as antigas colônias francesas eram privilegiadas (Fabre 1997; Jamin *apud* Bonte & Izard 1991:289-95; Meyran 1999; Poirier 1968). Assim, o reconhecimento acadêmico de uma etnografia profissional e institucionalizada tem início quando Griaule (1898-1956), especialista dos Dogons, ocupa a primeira cátedra de etnologia geral que será fundada na Sorbonne, em 1943. No entanto, e de certa forma, paradoxalmente, as pesquisas que foram desenvolvidas nas sociedades colonizadas pelo Estado francês são hoje contestadas por terem sido realizadas num contexto de dominação política, apesar do caráter profissional e institucionalizado das investigações. Em se tratando do continente americano, o pesquisador nem sempre podia contar com um apoio institucional no país: encontrava-se numa posição confortável, mas não dependia tanto das esferas do poder político, o que lhe assegurava uma certa liberdade de movimentos. Ainda que ligados a institutos de pesquisa públicos, vários estudiosos receberam financiamentos oriundos de fundos privados, associações ou ricos mecenas, como é o caso dos integrantes das *Sociétés savantes* que agrupavam curiosos e amadores de aventura, mas não exerciam um controle efetivo das ações desenvolvidas. Essas últimas mantiveram uma atividade constante até a institucionalização efetiva da pesquisa que é posterior à Segunda Guerra Mundial e constituíram os primeiros núcleos de investigação na França; por isso merecem ser lembradas, mesmo se foram objeto de violentas críticas por parte dos antropólogos contemporâneos⁸. No entanto, de um ponto de vista deontológico, oferece um certo conforto ao etnó-

⁸ Um deles é o próprio Lévi-Strauss nas primeiras páginas de *Tristes trópicos* quando descreve as conferências ministradas no *Museum d'histoire naturelle* (2008).

grafo pois afasta qualquer suspeita em contribuir com as formas de dominação dos povos estudados; como veremos, o estatuto de estrangeiro coloca o pesquisador numa posição subalterna e logo de defesa das populações indígenas.

A reconstituição do contexto histórico revela tensões acirradas entre grupos divergentes que disputavam o espaço acadêmico e revela uma ligação direta com a vida política, pois os colegas e, mais tarde, os discípulos de Mauss destacaram-se como acadêmico-militantes, sendo ligados ao SFIO, participando do movimento de resistência ao nazismo, pregando um internacionalismo idealista, apesar de reivindicar oficialmente uma neutralidade científica (Fabre 1997). É verdade que encontramos continuidades temáticas nesse conjunto de especialistas que, após o falecimento de Mauss em 1950, não chegaram a formar uma ‘Escola Francesa de Antropologia’ (Lombard 1994:145). Na época, emerge uma tendência que poderíamos caracterizar de culturalista, pois percebemos que as investigações se orientam preferencialmente para o estudo das categorias de pensamento e das concepções religiosas. Finalmente, o posicionamento crítico e o engajamento aparecem úteis para definir a antropologia francesa, traços que continuam pertinentes hoje e que correspondem à “tomada de consciência, quase um remorso” evocada por C. Lévi-Strauss (1973:43).

A constituição do campo da antropologia na França estava, de fato, associada à tentativa de construção de uma ciência objetiva e aplicada, propondo um inventário das culturas e devia servir aos interesses da Nação, inscrevendo-se num projeto colonialista ou neocolonialista. No caso da França, e mesmo se as autoridades governamentais apoiaram esporadicamente expedições etnográficas, a discussão concentra-se no continente africano, a América era prioritariamente o objeto de interesse dos linguistas e arqueólogos, preocupados em resolver o enigma da origem (geográfica) do “homem americano” e, com isso, em reconstruir a história da humanidade (Bonte & Izard 1991:289-95; 309-10). Mesmo se o projeto teórico é mantido, com Rivet, a disciplina como um todo e o americanismo em particular, conhecem um sucesso quase mediático com o projeto de criação do *Musée de l’Homme*: antes frequentado preferencialmente pelas elites, o museu se transforma num lugar de aprendizagem e se abre para as massas que vêm buscar novas opções de lazer e de distração. O exotismo também aparece como central na formulação

deste novo espaço educativo, a exemplo das grandes exposições organizadas desde o final do século XIX. O museógrafo pretende trazer o visitante para uma realidade antes desconhecida: são apresentados os objetos ‘estranhos’, ambientes de vida são reconstituídos para dar um efeito de realidade, figurinos ajudam o *promeneur* a entender o contexto. Assim, a propaganda do *Musée de l'Homme* atrai o curioso com o anúncio de um “*Tour du monde en deux heures*”!⁹

Para entender o espírito que animava os americanistas franceses da época, é preciso voltar-se para a história das instituições, dos programas e dos agentes da pesquisa no início do sec. XX⁹. A abertura do *Musée de l'Homme* em 1938 revela novas perspectivas de uma disciplina que, cada vez mais, se volta para a realidade concreta das culturas humanas, sejam elas exóticas, sejam elas folclóricas: a cultura viva se torna compreensível no momento mesmo que é vista, graças ao talento das técnicas de exposição dos objetos. Ao mesmo tempo, o museu é um laboratório de etnografia, onde é possível realizar um estudo dos seus objetos, é um lugar de ensino e de treinamento às técnicas de pesquisa de campo: aulas podem ser ministradas com exemplos concretos de práticas culturais. A etnografia acompanha de perto o avanço do conhecimento das sociedades humanas e produz um discurso científico sobre as culturas exóticas. Assim, o modelo subjacente na época é aquele do coletor de “testemunhos culturais” que são os objetos: a pesquisa de campo é associada à das colheitas extensivas de objetos tendo como modelo as expedições de Griaule, Dakar-Djibouti (L’Estoile 2007).

Rivet e a *Société des Américanistes*

Como alerta M. Mauss (1969), no início do século XX, a situação da antropologia na França é crítica, do ponto de vista do ensino, da pesquisa e das coleções museológicas. No entanto, apesar das lacunas no campo da etnografia que já foram apontadas e do que os autores afir-

⁹ Para isto consultamos os arquivos do *Museum d'Histoire Naturelle*, notadamente os documentos administrativos sobre o funcionamento do *Musée de l'Homme* e o financiamento das missões de pesquisa e artigos no *Journal de la Société des Américanistes* sobre o Brasil entre 1930 e 1945.

nam em relação aos estudos americanistas no que diz respeito à produção francesa, verificamos que existe um corpo constituído de pesquisadores oriundos de áreas diversas reunidos em torno da *Société des Américanistes*. Esses mantêm contato através de reuniões e publicações regulares, no *Journal* que inicia sua publicação em 1896 (Taylor-Descola 1984:96-7)¹⁰. Essa mesma *Société* que funciona na base do voluntariado e conta com as anuidades dos sócios para funcionar, tem sua sede numa instituição pública: o Museu do Trocadéro que depende do Museu Nacional de História Natural (MNHM), recebendo subvenções do Ministério das Colônias e abriga as coleções americanistas [...] guardadas em expositores num corredor escuro do velho *Troca*¹¹.

É com a atuação militante de Paul Rivet (1876-1958) que a *Société des Américanistes* (2002) se renova e se aproxima da academia, conservando o espírito de trabalho em equipe dos fundadores do *Institut*: antes voltadas para a arqueologia das ‘grandes civilizações’, a Linguística e a Antropologia Física, as pesquisas etnográficas se desenvolvem – o que é visível a partir dos anos 1920, com a contribuição de etnógrafos que relatam suas pesquisas (Laurière 2009:10)¹². Jovens alunos começam a ser enviados em missões com verbas dos ministérios e as coleções etnográficas são ampliadas e reorganizadas com o trabalho intensivo de P. Rivet e George Henri Rivière (Laurière 2008:480-577; L’Estoile 2003). No entanto, poucas pesquisas etnográficas são realizadas no Brasil, pois o

¹⁰ Podemos citar viajantes franceses, missionários ou linguistas que trazem informações sobre grupos indígenas como Francis de Castelnau em 1850, Lucien Adam em 1896 ou Tastevin em 1910, cujos trabalhos seriam sistematicamente consultados por especialistas franceses ou estrangeiros, como Erland Nordenskiöld, a partir dos anos 1920 (Rivet 1924; Bossert & Villar 2007). Erland Nordenskiöld, especialista sueco, fundador da escola escandinava, é apontado como um dos principais precursores do americanismo (Izard & Bonte 1991:510).

¹¹ “[...] le Musée du Trocadéro fut alors un des plus importants et l’un des premiers en date. Mais ces efforts d’Hamy et la routine qu’on y suivit depuis, ne pouvaient assurer la prospérité de cet établissement national. Et voici le résultat: des collections sans doute nombreuses, mais un musée sans lumière, sans vitrines de fer, sans gardiens, sans catalogue et même sans inventaire continu, sans étiquettes fixes, sans bibliothèque digne de ce nom” (Mauss 1969:27).

¹² Paul Rivet integra a *Société des Américanistes* desde 1909 e assume o cargo de secretário geral em 1929 (Laurière 2006:605).

interesse se concentra no estudo das línguas e das civilizações pré-colombianas nas antigas colônias espanholas que atraem linguistas, arqueólogos e historiadores; as populações indígenas das sociedades da floresta não são objeto de interesse dos primeiros acadêmicos, pois, segundo os critérios até então consensuais, não possuem uma cultura material digna de estudo. O caráter amador e superficial das pesquisas realizadas no seio da *Société des Américanistes* até a Segunda Guerra Mundial é ressaltado de forma cruel por Eduardo Viveiros de Castro:

O venerável *Journal de la Société des Américanistes* nunca ultrapassou as fronteiras da subespecialidade esotérica, onde arqueologia, linguística, antropologia e amadorismo esclarecido conviviam pacífica e obscuramente. Nenhuma monografia clássica, nenhum ensaio teórico relevante se refere privilegiadamente aos índios das terras baixas sul-americanas, vítimas de indigência antropológica (Viveiros de Castro 1992:19).

As lacunas apontadas aparecem claramente nas preocupações dos mentores da antropologia americanista da época. No esforço de institucionalização da disciplina, foram organizadas missões científicas visando o salvamento dos registros culturais de povos cujo destino é o rápido e inexorável desaparecimento: inicialmente com os recursos privados de mecenas e, cada vez mais, a participação do Estado francês. As mesmas preocupações guiam os linguistas, os arqueólogos e os raros aventureiros que se arriscam a entrar em contato com as populações indígenas ainda não totalmente ‘pacificadas’. Essa perspectiva, que incentiva a constituição de coleções etnográficas, corresponde com a antropologia que aparecia como sendo a mais elaborada, na época – a antropologia cultural americana. Notadamente, F. Boas se distancia dos estudos de Antropologia Física, fixando seu interesse nas técnicas e os objetos, ao iniciar uma série de etnografias sistemáticas das populações autóctones do norte do continente americano a partir da compreensão dos hábitos culturais inseridos num território específico (Faulhaber 2008:20; Stocking Jr. 2001). São organizadas missões científicas visando o salvamento de registros culturais de povos cujo destino é o desaparecimento. Corresponde às preocupações teóricas dos grandes especialistas da época, em particular F. Boas, que pregava a realização de estudos linguísticos e arqueo-

lógicos que, ao se distanciar dos estudos de antropologia física. Preservação e conservação: corresponde aos esforços para elaborar os museus (Faulhaber 2008:20).

São os mesmos personagens que são responsáveis pelo crescimento das relações acadêmicas duráveis entre o Brasil e a América Latina: Georges Dumas e Paul Rivet compartilhavam as mesmas ideias *avant-gardistes* militavam para o desenvolvimento das relações científicas¹³. Na França, Paul Rivet aparece como sendo um dos pilares do Americanismo e um dos principais atores da organização dos estudos sobre o Brasil: membro ativo e diretor da *Société des Américanistes* até seu exílio para a Colômbia em 1941, ele foi o responsável da manutenção do *Institut d'Ethnologie* (1925), executando as tarefas administrativas para a necessária revitalização das coleções museológicas e compartilhando as cargas de ensino com M. Mauss e L. Lévy-Bruhl.

Paul Rivet: homem de campo, homem de instituições

Paul Rivet aparece como sendo o responsável da organização da pesquisa em antropologia na França do *Front Populaire*, em particular do financiamento das primeiras expedições etnográficas e da publicação dos resultados destas (em revista e através das exposições temáticas), servindo-se dos seus contatos privilegiados com o mundo político da época. Seus esforços visavam a firmar Paris como centro do Americanismo e a transformar o *Musée de l'Homme* num laboratório de investigação científico moderno, agrupando informações e objetos do mundo inteiro.

Especialista em antropologia física, médico de formação e apaixonado linguista, P. Rivet, é nomeado diretor em 1928 do Museu de etnografia do Trocadéro e, em 1937, irá fundar o *Musée de l'Homme* com Georges-Henri Rivière e Jacques Soustelle, tendo como objetivo a formação de um laboratório interdisciplinar, lugar onde os especialistas da pré-história, da arqueologia, da antropologia física, da tecnologia, da linguística ou da análise cultural podiam trabalhar em conjunto. Socialista

¹³ Boa parte dos intelectuais da *École française de sociologie* era engajada na vida política, pois muitos eram ligados ao antigo partido socialista (SFIO) e cultuava a figura de Jean Jaurès.

convencido, é nomeado presidente do Comitê de vigilância dos intelectuais antifascistas, compõe o grupo de resistência conhecido como *réseau du Musée de l'Homme*. Próximo do General de Gaulle, foi exilado durante a Segunda Guerra Mundial na Colômbia e no México onde será designado como adido cultural para toda América Latina do Comitê Francês de Libertação Nacional (CFLN), notadamente no México e na Colômbia onde ele impulsionará novas pesquisas, auxiliando na implementação dos institutos e museus de etnologia (Laurière 2008:769-834). No seu retorno à França em 1944, retoma a carreira política e a luta contra o racismo que ocupa o velho socialista idealista. Este grande animador da pesquisa acadêmica na França liberta organiza o 47º Congresso dos Americanistas e multiplica suas intervenções em nível internacional, sendo um ardente defensor do internacionalismo científico e político.

O período que precede a abertura do *Musée de l'Homme* é rico em trocas institucionais e diálogos entre promotores de uma disciplina renovada: a longa amizade entre Paul Rivet, diretor do *Musée* e presidente da *Société des Américanistes* e Franz Boas, precursor da pesquisa empírica revela o esforço para a promoção de um internacionalismo científico e da emergência da importância da etnografia para a disciplina. Para concretizar este projeto utópico, foram contratados jovens colaboradores encarregados de coletar objetos para as coleções etnográficas e suprir a ausência de conhecimento sobre as culturas indígenas da América e, em particular, as sociedades indígenas da 'floresta'. Notamos um salto qualitativo na produção americanista em nível internacional que corresponde à ida de Claude Lévi-Strauss aos Estados-Unidos, mas que, na verdade, é o reflexo de uma intensa colaboração acadêmica 'em rede'.

A *Société des Américanistes* aparece como determinante na criação e manutenção desta rede acadêmica que não para de crescer. Em 1936, o Marquis de Créqui-Montfort é o Presidente da *Société des Américanistes* e, provavelmente, um dos seus principais provedores. L. Lévy-Bruhl, Charles Peabody, Warrington Dawson são vice-presidentes e o secretário geral é P. Rivet. As áreas de interesse envolvem todo o continente americano: a América do Norte, a Central, a do Sul, as Antilhas, a Groenlândia. A revista agrupa várias áreas de interesse: a Antropologia, a Arqueologia, a Etnografia, a Sociologia e o Folclore, mas também a História, a Geografia, a Demografia, e as viagens. Mesmo que a *Société* ainda conserve o seu caráter amador, com a participação das elites

“esclarecidas” que financiam as suas atividades, com a direção de Rivet, ela se moderniza e se especializa. Graças à atuação política do diretor do Museu do Trocadéro, os financiamentos governamentais tomam o lugar dos mecenas: é o que possibilita o financiamento das duas missões francesas em 1936 e 1938. O Serviço das obras francesas no estrangeiro, setor do Ministério das relações exteriores, a Universidade de Paris e o Museu de etnografia viabilizam as viagens que são dispendiosas. O interesse francês se concentra na reunião de coleções etnográficas e na divulgação dos resultados das pesquisas realizadas no continente americano.

Um projeto utópico

O projeto acadêmico que nasceu com o apoio do governo do *Front populaire* era associado a uma rede de pesquisadores ligados ao socialismo, compartilhando um ideal de ‘educação popular’ e atuando em diferentes frentes ao mesmo tempo (Jamin 1988:xvi; Laurière 2008:568; L’Estoile 2003). A perspectiva adotada pelos mentores da renovação do Americanismo deve ser reinserida no contexto da época, período em que o acesso das massas à cultura era tido como o principal motor de uma revolução sonhada e em que não havia uma dissociação entre os fatos folclóricos e os fatos ‘primitivos’:

Dans la France de 1937, la découverte d’une tradition populaire et sa transformation en tradition nationale s’accompagnent nécessairement de l’affirmation d’un antinationalisme officiel. Le Front populaire a sans doute perçu le Congrès (international de folklore) comme le lieu d’affrontements susceptibles de nourrir une guerre idéologique internationale. Les scientifiques français qui interviennent au Congrès, dans le but avoué de mieux asseoir la politique culturelle du Front populaire, ne peuvent manquer d’être redevables aux travaux de Lénine sur la libération des peuples coloniaux opprimés: le modèle des luttes coloniales qui constituaient un potentiel pour la révolution mondiale servira donc lorsqu’il s’agira d’appréhender les créations folkloriques, comme autant de terrains nourriciers de rébellions populaires (Velay-Vallantin 1999:482).

O projeto de criação de uma rede internacional visando à promoção da ciência e do conhecimento (!) deve ser entendido nesse conjunto mais amplo e ir, de certo modo, se concretizar com a partida de jovens professores franceses ao Brasil. A “Missão Francesa” que contribuiu com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934, era composta por Fernand Braudel, Paul Arbousse-Bastide, Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Roger Bastide e de outros nomes igualmente importantes que se sucederiam pelas décadas seguintes. O objetivo era formar as primeiras gerações locais no quadro das ciências sociais brasileiras (Karady 1968; Peixoto 2000; Pontes 2001). A ‘importação’ de jovens *agreges* franceses para o Brasil na década de 1930 irá mudar a paisagem do ensino superior no Brasil, pois se inscreve na tentativa do estabelecimento de acordos bilaterais franco-brasileiros mais amplos e do estreitamento da cooperação científica entre os dois países, sobretudo no campo das ciências humanas. Mostra tmbm que existia, na época, uma rede de pesquisadores de diversas áreas interessados nos estudos americanos que mantinha um intenso e profícuo diálogo, tendo Paris como centro. É nesse contexto que o jovem Claude parte para o Brasil, com o objetivo de se formar  etnografia, tendo ambiciosas pretensões acadêmicas.

No Brasil, podemos verificar a aplicação, em campo, das metodologias inspiradas pelo culturalismo, notadamente com as diretrizes do Marcel Mauss no seu curso de etnografia na Sorbonne: as aulas dadas por Dina Lévi-Strauss na SEF e a colheita sistemática de objetos, as cooperações entre os atores da pesquisa na França, no Brasil e nos Estados Unidos (Rivet, Lévi-Strauss, Métraux, Mário de Andrade, Nimuendajú, Lowie) (Peixoto 1998). Os resultados desta aventura são visíveis graças aos documentos de arquivo, do material utilizado pelas exposições e das publicações sobre as populações indígenas, em particular o *Journal de la Société des Américanistes* e do *Handbook of South American Indians* nos Estados Unidos (Cohen-Solal 1999:24). O projeto de coletar informações sobre os grupos rurais e as sociedades indígenas, comum às diferentes escolas teóricas, termina por se dividir em especialidades distintas e  finalmente abandonado como programa de pesquisa¹⁴.

¹⁴ A pesquisa foi facilitada com a digitalização da integralidade dos acervos do *Journal de la Société des Américanistes* (<http://jsa.revues.org/>) e do *Handbook* pelo Smithsonian Institute (em parte disponibilizado no site www.etnolinguistica.org/hsai:intro)

De um modo geral, os estudos americanistas realizados na França escaparam à crítica por não ocuparem um lugar central no debate político-acadêmico da época. De fato, nas Américas, o projeto civilizador francês não conseguiu ultrapassar as portas das faculdades. Além disso, estes continuam sendo associados à figura de C. Lévi-Strauss; mestre respeitado por seus pares cujos trabalhos se tornaram rapidamente clássicos, que imprimiu uma profunda renovação na antropologia, inclusive no que diz respeito à pesquisa e ao ensino e que soube conservar um ‘olhar distanciado’ sobre as polêmicas do seu tempo. No entanto, além dos ‘mentores’ da antropologia, outras figuras aparecem, desenvolvendo atividades de destaque tanto na organização administrativa quanto na pesquisa de campo, contando com um contexto político favorável até 1939. Assim, podemos citar Jacques Soustelle, especialista do México antigo, engajado ao lado de Rivet, tanto em política quanto na organização das atividades do Museu e que se revela muito dinâmico na resolução de problemas práticos, em particular o financiamento (Soustelle 1934: 331-2).

As missões “Lévi-Strauss” integram este projeto de complementar o conhecimento e a coleção sobre a América. O que se sabe menos é que as famosas missões de 1935 foram financiadas pelo Ministério da Educação nacional francês. Retomando uma proposta de Mauss, em 1936, no famoso artigo sobre a organização social dos Bororo, que recebeu os elogios de Lowie, Lévi-Strauss tem como objetivo fazer o inventário das sociedades indígenas graças à coleta, pois a cultura material é o reflexo da vida social. A missão de 1938, mais profissional, segue a mesma ideia, mas marca o início de uma nova fase do Americanismo voltado menos para a cultura material e cada vez mais para o estudo das estruturas sociais. A mudança de foco e de paradigma para as pesquisas Americanistas na Amazônia foi gradativa, pois a preocupação de realizar o inventário das culturas é visível até os anos 1950. Porém, percebemos que há um esforço para consolidar uma rede de pesquisa internacional durante a Segunda Guerra Mundial, com destaque para a participação de franceses (Métreaux e Lévi-Strauss) e de ‘brasileiros’ (Nimuendajú, Baldus, Wagley) no *Handbook of South American Indians* (EUA). Nos diferentes artigos, percebemos que há um padrão onde percebe-se menos preocupação com o passado (Arqueologia), a Linguística e a Antropologia Física. Desta forma, a ‘antropologia dos quatros campos’ vai se reduzir a um só

campo, o da Antropologia Social¹⁵. No Paris pós-segunda guerra, o lugar marginal reservado às pesquisas em ciências humanas no ensino superior, a presença de diferentes facções doutrinárias – reflexo das origens partidárias e da vida política – e a competição entre as diferentes instituições ou entre os *professeurs* foram veladas, pois tratava-se de problemas internos às instituições (Fabre 1997). Durante a Segunda Guerra Mundial, o futuro mestre do estruturalismo estreita as suas relações com os americanistas Robert Lowie e Alfred Métraux que coordenam o programa da Fundação Rockefeller¹⁶.

O contexto geopolítico mundial pós-guerra, teve como principal consequência, do ponto de vista acadêmico, a perda da influência intelectual da França no mundo. Doravante, as antropologias de tradição inglesa e americana ocupam esse lugar: mais pragmáticas e voltadas para questões do mundo contemporâneo, mais adaptadas à realidade brasileira de modernização/urbanização, são mais bem recebidas. Finalmente, a importância de um modelo francês de fazer pesquisa (Missão), no qual a itinerância, o trabalho em equipe, as técnicas de ponta (o registro fotográfico, visual e de áudio) eram associados à coleta sistemática de objetos, anuncia uma renovação na expografia e irá provocar uma revolução na ideia de museu: aberto ao mundo, o museu renasce tendo uma função social e educativa de primeira importância e anuncia um debate iniciado há pouco.

¹⁵ Por exemplo, existia uma forte amizade entre Mauss e Rivers, entre Rivet e Boas e, mais tarde, entre Rivet, Métraux e Lévi-Strauss, o que facilitou a elaboração de projetos comuns. Todos os críticos insistem na importância das relações amistosas na pequena equipe do 'Troca' que trabalhou incansavelmente para a criação do *Musée de l'Homme* em 1936 (Bourdieu 1987; Karady 1968: XLI-XLIII; Laurière 2006:712-30, 815).

¹⁶ Reservamos para um outro artigo a pesquisa de campo, o legado específico de Claude Lévi-Strauss para as coleções do *Musée de l'Homme* e o exame dos primeiros escritos produzidos no Brasil. Este abandona a carreira política ao vir para o Brasil, preferindo a academia. Será professor na *New School for Social Research* de Nova York até 1945, tentando organizar uma rede de solidariedade para os pesquisadores exilados (notadamente Rivet que tenta trazer para Nova York) e participando das agendas de trabalho da UNESCO mesmo seguindo carreira em Paris. No entanto, a 'fase militante' do antropólogo parece terminar com o novo projeto teórico iniciado nos anos 1960, *As mitológicas*.

Bibliografia

- BONTE, Pierre & IZARD, Michel (eds.). 1991. *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: PUF.
- BOSSERT, Federico & VILLAR, Diego. 2007. La etnología chiriguano de Alfred Métraux. *Journal de la Société des Américanistes*, 93(1):127-66.
- BOURDIEU, Pierre. 1987. L'assassinat de Maurice Halbwachs. *La liberté de l'esprit*, Visages de la résistance, 16:161-8.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- COHEN-SOLAL, Annie. 1999. Claude Lévi-Strauss aux États Unis: Des portes donnant accès à d'autres mondes et à tous les temps. *Revue Critique*, 620-621:13-25.
- COPANS, Jean. 1999. Œuvre secrète ou œuvre publique : Les écrits politiques de Marcel Mauss. *L'Homme*, 150:217-20.
- DIAS, Nélia. 1991. *Le musée d'ethnographie du Trocadéro (1878-1908): Anthropologie et muséologie en France*. Paris: Ed. du CNRS.
- FABRE, Daniel. 1997. L'ethnologie française à la croisée des chemins (1940-1945). In BOURSIER, Yves (ed.): *Resistances et résistants*, pp. 319-400. Paris: L'Harmattan.
- FAULHABER, Priscila. 2008. Etnografia na Amazônia e tradução cultural. comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendajú. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia*, 3:15-29.
- FOURNIER, Marcel. 1994. *Marcel Mauss*. Paris: Fayard.
- JAMIN, Jean. 1988. Tout était fétiche, tout devint totem. Préface à la réédition du *Bulletin du musée d'ethnographie du Trocadéro. Les cahiers de Gradhiva*, 9: IX-XXII.
- _____. 1989a. Le savant et le politique: Paul Rivet (1876-1958). *Bulletins et mémoires de la société d'anthropologie de Paris*, 1(3-4):277-94.
- _____. 1989b. Le musée d'Ethnographie en 1930: L'Ethnologie comme science et comme politique. In *La Muséologie selon Georges-Henri Rivière*, pp. 110-121. Paris: Dunod.

- L'ESTOILE, Benoît. 2003. O arquivo total da humanidade: utopia enciclopédica e divisão do trabalho na etnologia francesa. *Horizontes Antropológicos*, 9(20):265-302.
- _____. 2007. *Le goût des autres: De l'exposition coloniale aux arts premiers*. Paris: Flammarion.
- LAURIÈRE, Christine. 2008. *Paul Rivet (1876-1958): Le savant et le politique*. Paris: CNRS.
- _____. 2009. La Société savante des Américanistes de Paris: une société savante au service de l'américanisme. *Journal de la Société des Américanistes*, 95(2):93-115.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973 [1955]. *Tristes tropiques*. Paris: Plon.
- _____. 2008. *Oeuvres*. Paris: Gallimard (La Pléiade).
- MARCEL, Jean-Christophe. 2004. Mauss au travail autour de 1925. *L'Année sociologique*, 54(1):37-61.
- MAUSS, Marcel. 1983 [1950]. *Sociologie et anthropologie*. 8e ed. Paris: PUF.
- _____. 1967 [1947]. *Manuel d'ethnographie*. Paris: Payot.
- _____. 1969 [1913]. L'ethnographie en France et à l'étranger. In *Oeuvres III*, pp. 395-434. Paris: Minuit.
- _____. 2002 [1947]. *Manuel d'ethnographie*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- MEYRAN, Régis. 1999. Écrits, pratiques et faits: L'ethnologie sous le régime de Vichy. *L'Homme*, 150:203-12.
- PEIXOTO, Fernanda A. 1998. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*, 4(1):79-107.
- _____. 2000. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp.
- POIRIER, Jean (ed.). 1968. *Ethnologie générale*. Paris: Gallimard.
- PONTES, Heloisa. 2001. Entrevista com Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(37):5-30.
- RIVET, Paul. 1924. Les indiens Canoeiros. *Journal de la Société des Américanistes*, 16:207-29.

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 15, vol. 22(1), 2011

- SIBEUD, Emmanuelle. 2004. Marcel Mauss: Projet de presentation d'un bureau d'ethnologie (1913). *Ed. Sc. Humaines, Revue d'Histoire des Sciences Humaine*, 1(10):105-15.
- SIGAUD, Lygia. 2007. Doxa e crença entre os antropólogos. *Novos estudos CEBRAP*, 77:129-52.
- SOUSTELLE, Jacques. 1934. L'activité du département d'Amérique du Musée d'ethnographie du Trocadéro en 1934. *Journal de la Société des Américanistes*, 26(2):331-2.
- STOCKING, George W, Jr. 2001. *Delimiting Anthropology: Occasional Essays and Reflections*. Madison: University of Wisconsin Press.
- TAYLOR-DESCOLA, Anne-Christine. 1984. L'américanisme tropical: Une frontière fossile de l'ethnologie. In RUPP-EISENREICH, Britta (org.): *Histoire de l'anthropologie: XVI-XIX siècles*, pp. 213-33. Paris: Klincksieck.
- VELAY-VALLANTIN, Catherine. 1999. Le Congrès International de Folklore de 1937. *Annales. Histoire, sciences sociales*, 54e année, 2:481-506.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 1999. Etnologia brasileira. In MICELI Sergio (ed.): *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, Vol. I: *Antropologia*, PP. 109-223. São Paulo: Ed. Sumaré, ANPOCS.
- WIKIN, Yves. 1986. George Stocking, Jr. et l'histoire de l'anthropologie. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1:81-4.

Recebido em novembro de 2011

Aprovado para publicação em dezembro de 2011